

# Mortes superam número de nascimentos registrados na França

Cenário foi registrado no país pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial

A França registrou mais mortes do que nascimentos em 2025 pela primeira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial, segundo números oficiais divulgados na terça-feira (13) - um cenário que mina a vantagem demográfica de longa data do país sobre outras nações da União Europeia.

Em 1º de janeiro de 2026, 69,1 milhões de pessoas viviam na França, 0,25% a mais do que em 2025. O aumento, porém, ocorre apenas devido à migração líquida de 176 mil pessoas, segundo o Insee (Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos, na sigla em francês). O crescimento natural, que corresponde à diferença entre nascimentos e óbitos, foi negativo: - 6.000.

Essa situação se deve ao recuo da natalidade e ao avanço das mortes.

Cerca de 645 mil bebês nasceram em 2025, 2,1% a menos que no ano anterior, o que corresponde ao menor número desde 1944 pelo quarto ano consecutivo. Paralelamente, 651 mil pessoas morreram, alta de 1,5% em relação a 2024, devido principalmente à epidemia de gripe de inverno, segundo o Insee, e à chegada da geração "baby boomer" à idade de risco.

Tradicionalmente, a França



Cerca de 645 mil bebês nasceram em 2025, 2,1% a menos que o registrado no ano anterior

possui vantagem demográfica em relação à maioria dos países europeus, mas o envelhecimento da população e a queda nas taxas de natalidade demonstram que o país não está imune à crise demográfica que pressiona as finanças públicas em todo o continente.

"O que surpreende é até que ponto, em poucos anos, o crescimento natural diminuiu devido

à rápida queda dos nascimentos", afirmou Sylvie Le Minez, chefe da unidade de estudos demográficos e sociais do Insee, em entrevista coletiva.

De acordo com o Insee, a taxa de fertilidade caiu para 1,56 filhos por mulher no ano passado, seu nível mais baixo desde a Primeira Guerra Mundial e bem abaixo do 1,8 das previsões de fi-

nanciamento de aposentadorias pelo Conselho Consultivo de Pensões.

Em 2023, o ano mais recente para comparações com a União Europeia, a França ficou em segundo lugar, com uma taxa de fertilidade de 1,65, atrás apenas da Bulgária, com 1,81.

A mudança demográfica empurrará os gastos públicos de vol-

ta aos níveis da era da pandemia nos próximos anos, enquanto a base tributária erode, alertou o Tribunal de Contas da França no mês passado.

A expectativa de vida atingiu recordes no ano passado - 85,9 anos para mulheres e 80,3 para homens-, enquanto a proporção de pessoas com 65 anos ou mais subiu para 22%, quase igualando aqueles com menos de 20 anos.

"Considerando a aposentadoria das grandes gerações nascidas na década de 1960, as tensões no mercado de trabalho e os problemas relacionados à força de trabalho provavelmente aumentarão rapidamente nos próximos anos", afirmou o economista Philippe Crevel, da think tank Cercle d'Epargne.

A preocupação com os nascimentos paira na França há anos. Em 2024, o presidente de centro-direita Emmanuel Macron defendeu um "reforço demográfico", baseado em impulsionar a natalidade melhorando a licença parental e combatendo a infertilidade.

Para os demógrafos, dificuldades para ter filhos incluem encontrar um trabalho estável, acesso à moradia, incerteza sobre a crise climática e conciliação entre vida profissional e familiar.

## Irã marca primeira execução de manifestante desde início dos protestos

O Irã deverá executar, nesta quarta-feira (14), um manifestante preso devido à onda de protestos contra o regime teocrático que se espalhou pelo país, segundo organizações de direitos humanos. Se concretizada, essa deverá ser a primeira execução desde o início dos atos em dezembro.

Erfan Soltani, 26, foi detido na semana passada após participar de protestos na cidade de Fardis, próxima à capital Teerã, informou o grupo de direitos humanos Hengaw, com sede na Noruega. Ainda de acordo com a entidade, a família de Soltani não teve acesso às informações sobre as acusações e demais detalhes do processo.

Os familiares teriam sido in-

formados apenas de que Soltani seria executado, com direito a uma última visita, quatro dias após ter sido detido. De acordo com relatos, ele foi preso em sua residência no último dia 8.

Teerã, que aplica a pena máxima por meio do enferramento, é o segundo país do mundo com mais execuções depois da China, segundo entidades de direitos humanos. Monitoramento da organização Anistia Internacional indica que as autoridades iranianas executaram ao menos 1.000 pessoas em 2025.

O país vive um apagão quase total das comunicações imposto pelas autoridades, o que dificulta a checagem independente das informações. Segundo afirmou à agência Reuters um



Irã encara protestos em momento de caos político e social

integrante do regime, cerca de 2.000 manifestantes morreram desde que a atual onda de protestos começou.

A ONG Iran Human Rights, também com sede na Noruega, afirmou na segunda (12) que ao menos 648 manifestantes haviam morrido, mas que essa cifra poderia ser maior, chegando a 6.000 vítimas.

Segundo a organização Netblocks, o bloqueio do acesso à

internet já ultrapassava 108 horas no início desta terça (13). Defensores de direitos humanos acusam a República Islâmica de tentar restringir e censurar a divulgação de informações.

Um jornalista da agência de notícias AFP relatou que, embora o apagão da internet continue, a conexão telefônica internacional foi restabelecida nesta terça.

A mais recente onda de manifestações representa um dos

maiores desafios ao regime teocrático desde a Revolução Islâmica de 1979 e gerou reações da comunidade internacional.

Os Estados Unidos anunciaram que vão impor tarifas de 25% a quem comercializar com o Irã. Já o primeiro-ministro da Alemanha, Friedrich Merz, disse nesta terça que acredita que a teocracia iraniana "vive seus últimos dias".

O Irã já enfrentou protestos em massa nas últimas décadas, mas, desta vez, os atos estão por todo o país e ocorrem em um momento delicado. A Rússia, uma importante parceira, está em guerra na Ucrânia há quase quatro anos, e aliados do regime na região sofreram derrotas nos últimos meses - o ditador Bashar al-Assad caiu na Síria, e o Hezbollah, no Líbano, enfrentou perdas em guerra com Israel.

Os protestos começaram em resposta à alta dos preços, mas logo se voltaram contra os governantes religiosos que estão no poder há mais de 45 anos.

Por Manoella Smith  
(Folhapress)